



O último ancestral na encruzilhada: uma proposta de leitura do afrofuturismo brasileiro

O último ancestral at the crossroads: a proposal for reading Brazilian Afrofuturism

Dossiê: a literatura e os fins do capitalismo

Carlos Henrique Fonseca*
ORCID: 0000-0002-8186-5406
E-mail: karloshfonseca@gmail.com

Rodrigo Valverde Denubila**
ORCID: 0000-0002-4935-303X
E-mail: rodrigo.denubila@ufu.br

Recebido: 25/03/2024
Aprovado: 13/05/2024

Resumo:

O presente artigo traz uma proposta de leitura da obra do escritor brasileiro, Ale Santos, *O último ancestral* (2023) à luz da *Pedagogia das encruzilhadas* (2019), de Luiz Rufino. O romance de Ale Santos, uma obra de ficção científica de destaque na produção literária afrofuturista brasileira, e a pedagogia alternativa proposta por Luiz Rufino, com foco nos viveres e na cultura afro-brasileira, encontram-se em pontos onde se articulam questões como segregação racial, saberes ancestrais e tecnologias digitais. Nossa contribuição, na encruzilhada de saberes da qual o afrofuturismo se mostra um caminho promissor, é propor uma abordagem que adote um amparo conceitual capaz de dialogar com o específico do delineamento brasileiro. Mais que um encontro de obras afins, nossa intenção é estabelecer seu “cruzo” e, com isso, elucidarmos as formas como *O último ancestral*, enquanto representante do afrofuturismo, ocupa seu lugar nos campos político, estético e ético que Luiz Rufino destaca em seu texto, com vistas a um reencantamento do mundo por meio da restituição de espaços, direitos e futuros aos povos afro-diaspóricos.

Palavras-chave:

afrofuturismo; Ale Santos; ficção científica; Luiz Rufino; ancestralidade

Abstract:

This article proposes a reading of the work of the Brazilian author, Ale Santos, *O último ancestral* (2023) by the light of *Pedagogia das Encruzilhadas* (2019), by Luiz Rufino. The novel by Ale Santos, a work of science fiction that stands out in Brazilian Afrofuturist literary production, and the alternative pedagogy proposed by Luiz Rufino, focusing on Afro-Brazilian living and culture, meet at points where issues such as segregation are articulated racial, ancestral knowledge and digital technologies. Our contribution, at the crossroads of knowledge in which Afrofuturism appears to be a promising path, is to propose an approach that adopts a conceptual framework capable of dialoguing with the specific aspects of the Brazilian lineation. More than a meeting of related works, our intention is to establish their

*Doutor e Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNESP Araraquara.

** Professor de Teoria da Literatura e Literaturas de língua portuguesa na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisa vinculada ao projeto Poéticas afrofuturistas em produções contemporâneas financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

“cross” and, with this, elucidate the ways how *O último ancestral*, as an exponent of Afrofuturism, occupies its place in the political, aesthetic and ethical fields, that Luiz Rufino highlights in his text, with a view to re-enchanting the world through the restitution of spaces, rights and futures to Afro-diasporic people.

Keywords:

afrofuturism; Ale Santos; Science fiction; Luiz Rufino; ancestry

Introdução

Na segunda metade do século XX, fruto de vários questionamentos ligados à questão racial nos Estados Unidos, surgia novo movimento estético, social e cultural, caracterizado pelo questionamento da ausência de autores negros e da cultura africana, principalmente, nas produções ligadas à ficção científica. Tal postura reivindicava maior presença, em espaços, até então, exclusivamente destinados às pessoas brancas e à cultura eurocentrada. Trata-se do afrofuturismo, movimento estético e filosófico constituído de várias formas de produção artística e cultural, como o cinema, a literatura, a música, a moda e as artes plásticas. Manifestações que se pautam, nomeadamente, num desejo de restituição, em relação a um presente e a um futuro dos povos afrodiaspóricos, libertos dos grilhões e traumas gerados pela escravização de seus ancestrais.

O escritor e crítico cultural norte-americano Mark Dery - um dos primeiros críticos a se debruçar sobre a cultura digital e suas tecnologias - foi quem cunhou o termo em 1994, no texto *Black to the future. Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose* (1994). A premissa de Mark Dery, inicialmente, com foco em obras literárias de ficção científica produzidas nos Estados Unidos, desdobra-se em estudo mais amplo sobre as diversas formas de manifestação das culturas negras, ganhando a força de um movimento não só estético, mas cultural, de valorização e reivindicação identitária.

Na esteira desse pensamento, interrogam Kênia Freitas e José Messias, em “O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo – as distopias do presente”: “[...] em um período marcado por obras literárias de ficções científicas importantes [...] onde estavam os escritores e escritoras negras do gênero?” (FREITAS, MESSIAS, 2018, p. 04). Estamos, pois, diante de inquirição capital ao afrofuturismo, uma vez que o movimento estético “passou por uma séria de redefinições – sobretudo no sentido de ampliar o pensamento do universo cultural restrito aos negros dos EUA para

o pensamento negroafricano e diaspórico mundial” (FREITAS; MESSIAS, 2018, p. 04). Ou seja, autores brasileiros, como Fábio Kabral, Sandra Menezes e Ale Santos valem-se dessa estética para criar futuros inclusivos à medida que retomam aspectos culturais afro-brasileiros.

Agora, na celebração dos 30 anos da formulação do conceito em terras estadunidenses, torna-se possível reconhecer que o afrofuturismo assume diferentes feições, relacionadas com as especificidades históricas de cada contexto em que se faz presente. Deve-se, contudo, preservar a consciência da condição de sobreviventes de um apocalipse, compartilhada pelos povos da diáspora africana, como lemos no trabalho de Kênia Freitas e José Messias supramencionado. Para esses autores, há uma articulação entre o processo de sequestro e escravização de povos africanos, no passado, e a violência com que o Estado atua sobre seus descendentes, na atualidade, que os faz reconhecer a continuidade de uma “diáspora do presente” (FREITAS; MESSIAS, 2018, p. 10). Nessa diáspora do presente, a sobrevivência ao apocalipse continua a ser uma luta constante pelo respeito e reconhecimento da cultura ancestral, resistente aos processos de silenciamento que remontam à violência do sequestro e tráfico de pessoas de África. Atravessando o Atlântico Negro, em movimento de diáspora forçada, a herança cultural dos povos de África sofre, ainda hoje, a antinomia da apropriação e da discriminação.

Nossa contribuição, na encruzilhada de saberes da qual o afrofuturismo se mostra um caminho promissor, é propor uma abordagem que adota um amparo conceitual capaz de dialogar com o específico do delineamento brasileiro. Nos horizontes deste artigo, a metodologia, de caráter bibliográfico, pauta-se na vinculação direta entre a ficção de Ale Santos (2023), em especial, *O último ancestral* e a obra do pedagogo Luiz Rufino (2019), *Pedagogia das Encruzilhadas*. Esta proposta encontra sua fundamentação em inúmeros pontos, seja na originalidade intrínseca a cada um dos trabalhos, seja no anseio de abertura de novas sendas para se pensar a ruptura com o racismo em todas as suas formas ou ainda pela afinidade discursiva que, a despeito de suas singularidades, encontram-se em muitas encruzilhadas¹.

Parece-nos evidente a dimensão pedagógica que traz o movimento afrofuturista, pois essa estética repensa concepções racistas intrínsecas e naturalizadas em nossa sociedade. Avultam-se, pois, as necessárias mudanças discursivas e a problematização da história contada pelos colonizadores. Ao propor futuros possíveis para povos que sofreram um alijamento sistemático de qualquer perspectiva de futuro, o afrofuturismo convoca à reflexão sobre o que seria o presente dos povos e das culturas que passaram pelo processo de escravização. Tal compreensão consiste no que nos motiva a estabelecer

¹ “A encruzilhada, nos termos exuzíacos, emerge como o tempo/espço das invenções cruzadas entre o imaginário de África e as suas reverberações criativas, circunstanciais e inacabadas da diáspora.” (RUFINO, 2019, p. 28).

o diálogo entre as perspectivas da pedagogia de Luiz Rufino (2019) e a ficção de Ale Santos (2023).

A primeira trilha adotada no presente estudo, na seção “Das encruzilhadas, o afrofuturismo no Brasil”, é a do reconhecimento da presença efetiva do afrofuturismo em nosso país, considerando-se a multiplicidade de autores e artistas com uma produção consistente e em sintonia com a estética afrofuturista, da qual Ale Santos faz parte.

Na sequência, em “Exu é caminho, é vida, é determinação” pegamos atalho para discutir a relação entre as figuras de Exu e a Inteligência Artificial capoeirista, ambas capazes de desestabilizar paradigmas cognitivos coloniais e romper com a noção de tempo linear. Na seção “Paroxismo ficcional da supremacia racial x identidades(s) periférica(s)”, colocamos em evidência a condição polarizada que marca formas autoritárias de exercício do poder. De um lado, situam-se os detentores de uma suposta supremacia racial e das tecnologias advindas de formas violentas e exploratórias de governar, de outro, os subalternizados, expropriados e explorados que precisam agir pelas brechas do poder instituído. Para estes últimos, enquanto comunidade, a oralidade, a imagem e música são, irrefutavelmente, recursos de afirmação e resistência. Em “Espiritualidade ancestral e tecnologia: o grande cruzo²”, seguimos com o objetivo de firmar cruzos com a perspectiva teórica de Luiz Rufino ao destacar a relevância das relações estabelecidas entre a ancestralidade ritualística e as inovações tecnológicas dentro da narrativa. Na reta final de nosso percurso, em “Racismo e desigualdade social: haverá outro futuro?”, destacamos as relações de ruptura e continuidade que se estabelecem entre estes conceitos, trazendo, para o centro da roda, outras obras da literatura brasileira com a qual podemos perceber diálogos, conscientes ou não, no que se refere à condição a que são submetidos jovens marginalizados, da qual também trata *O último ancestral*, em um futuro distópico.

Atravessamos este percurso, portanto, aprofundando a discussão sobre os saberes de diferentes tempos e o quanto suas conexões podem configurar um salvamento, assim como asseveramos a importância de uma restituição daquilo que foi roubado aos povos historicamente deslocados para a periferia.

Das encruzilhadas, o afrofuturismo no Brasil

A produção literária e os estudos sobre afrofuturismo no Brasil são recentes. Pensando-se no encontro com a especificidade da história dos povos trazidos de África pa

² Luiz Rufino (2019, p. 18, grifo do autor) explica: “*O cruzo* é o devir, o movimento inacabado, saliente, não ordenado e inapreensível. *O cruzo* versa-se como atravessamento, rasura, cisura, contaminação, catalização, bricolagem – efeitos exusíacos em suas faces de Elegbara e Enugbarijó. *O cruzo* é a rigor uma perspectiva que mira e prática a transgressão e não a subversão, ele opera sem a pretensão de exterminar o outro com que se joga, mas de engoli-lo, atravessá-lo, adicioná-lo como acúmulo de força vital.”

ra nossas terras, faz-se possível afirmar que há campo vasto e promissor a ser desenvolvido e estudado. Estamos, portanto, diante de elemento capital a ser problematizado.

Na encruzilhada das produções artísticas e literárias brasileiras, artistas e escritores produzem obras afrofuturistas, de acordo com Esdras Oliveira de Souza e Kleyson Rosário Assis (2019), em “O afrofuturismo como dispositivo na construção de uma proposta educativa antirracista”, podemos citar os nomes de Ellen Oléria, cantora que, inclusive, possui um álbum cujo título é *Afrofuturista* (2016); o escritor Fábio Kabral, autor de *O caçador cibernético da rua Treze* (2017); o Mc Diogo Moncorvo (mais conhecido como Baco Exu do Blues) e o grupo de rap paulista Senzala *Hitech*. Mas são também afrofuturistas a própria fase derradeira da cantora Elza Soares, com os álbuns *A mulher do fim do mundo* (2015) e *Deus é Mulher* (2018); a escritora Sandra Menezes, autora de *O céu entre mundos* (2021); Lu Ain-Zaila, autora da *Duologia Brasil 2408* (2017); as cantoras Liniker e Mc Tha; o escritor Ale Santos, autor do livro *O último ancestral*, de 2023, foco de análise do presente texto.

O último ancestral (2023) narra a história de Eliah, jovem mecânico e ladrão de carros, morador da favela Obambo, da periferia do Distrito de Nagast, num futuro distante, extremamente tecnológico. Aspectos recorrentes da ficção científica aparecem, de modo abundante, como espaçonaves, cidade ultratecnológica e robôs. Os alienígenas ficam por conta das entidades benfeitas, malfazes, ou mesmo aquelas que não se situam na dicotomia entre o bem e o mal. Seres híbridos de homens e máquinas – intitulados de os Cygens - tomaram a cidade, os quais simbolizam figuração hiperbólica da supremacia branca. Toda a população negra está separada, vivendo precariamente em Obambo. A guerra constante marca a atmosfera entre Nagast (centro) e Obambo (periferia), havendo cotidiano de tortura e morte devido aos confrontos.

Quando Eliah tem o destino revelado por Moss, a velha oráculo, fundadora de Nagast, como sendo o último ancestral capaz de salvar a humanidade, a situação se complica ainda mais, graças à presença do bruxo Asanbosam, entidade maléfica. Na economia narrativa, Ale Santos (2023) retoma saberes ancestrais em sua hibridação com as tecnologias futuras criando um mundo que, mesmo avançando em conhecimento tecnológico, não superou o racismo e a desigualdade, ao contrário, o desenvolvimento tecnológico fez recrudescer essas mazelas humanas, conforme, igualmente, argumentam Deivison Faustino e Walter Lippold (2023), em *Colonialismo Digital: por uma Crítica Hacker-fanoniana*. Por outro ângulo, a conexão entre maravilhoso e tecnologia consiste em uma das tópicas da poética afrofuturista. Retomam-se, pois, elementos da cultura africana tradicional, assim como do gênero sci-fi, à proporção que o futuro é construído com base em aspectos do presente.

A obra apresenta uma distopia em que a discriminação, o preconceito racial e a supremacia branca produziram uma realidade de destroços para os subalternizados. O espaço consiste em categoria fundamental, tanto que as primeiras páginas apresentam um mapa, capaz de propiciar a visualização dos diferentes territórios e a luta por seus domínios.

A noção de fronteira é, igualmente, relevante, pois nela ocorre a maioria dos conflitos, em uma dinâmica narrativa correlata aos filmes de ação. A condição marginal, de destroços produzidos pelo exercício cruel e injusto do poder, faz parte da identidade de todos os personagens de Obambo: Eliah, Misty, Zero, Hanna e todos os seus companheiros fazem da condição de abandono, perseguição e violência, a sua maior força. Neste sentido, cabe ressaltar que, a uma das principais características do afrofuturismo equivale à superação de estereótipos impostos à identidade negra e às culturas africanas. O romance apresenta situações de força e de superação advindas da união e da valorização identitária da cultura afro-brasileira e africana. Há, portanto, dimensão ética no texto literário em apreço, uma vez que encontramos a inserção dos povos e das culturas negras em projeções futuras. No entanto, nessa escolha, identificamos a continuidade das segregações e estereotípias.

A descrição de Obambo, em toda sua precariedade, principalmente, provocada pelos ataques constantes da polícia do Distrito, exhibe o primeiro encontro com a perspectiva da pedagogia das encruzilhadas, pois se trata de um espaço de encruzilhada. Nesse sentido, cabe retomar as palavras de Luiz Rufino: “A encruzilhada não é mera metáfora ou alegoria, [...], a encruzilhada é a boca do mundo, *é saber praticado nas margens* por inúmeros seres que fazem tecnologias e poéticas de espantar a escassez abrindo caminhos” (RUFINO, 2019, p. 5). E, na nota introdutória, declara: “Iniciarei pelos cacos, por aquilo que em meio aos escombros, permanece vivo” (RUFINO, 2019, p. 5).

As obras *Pedagogia das Encruzilhadas* e *O último ancestral* se encontram, portanto, na encruzilhada onde baila a urgência de reencantamento, em uma chave decolonial, assim como a obra teórica e a literária atendem à “necessidade da invenção de novos seres” (RUFINO, 2019, p. 11). Ale Santos (2023) responde, portanto, positivamente, à convocação de Luiz Rufino (2019), pois o romance se estrutura com base na assertiva: “[...] haveremos de reivindicar as nossas lutas ancestrais para que essas nos inspirem nas demandas de hoje” (RUFINO, 2019, p. 11). O livro de Ale Santos levanta essa urgência em se reencantar o mundo por meio da valorização e retomada dos saberes da ancestralidade. Assim:

[...] a orientação pela encruzilhada expõe as contradições desse mundo cindido, dos seres partidos, da escassez e do desencantamento. As possibilidades nascem dos cruzos e da diversidade como poética/política na emergência de novos seres e na luta pelo reencantamento do mundo (RUFINO, 2019, p. 10).

É inexorável a participação do afrofuturismo neste movimento de reencantamento do mundo. Por meio de sua especificidade estética literária, visual e musical, atua ativamente nos três “campos de batalha e mandingas” (RUFINO, 2019, p. 20): o político, o estético e o ético, a fim de se operacionalizar um “despacho do carregamento colonial” (RUFINO, 2019, p. 10). O livro de Ale Santos se revela um verdadeiro “verso de encanto” (RUFINO, 2019, p. 09), ou seja, a proposta ficcional opera como um feitiço que desestabiliza os lugares da escrita de ficção, nomeadamente científica, restituindo um lugar em que negros e culturas africanas estavam aliçados.

Destarte, a “noção de restituição é ponto central na possibilidade de inscrição de uma nova história” (RUFINO, 2019, p. 17). Em relação à obra analisada, os personagens, lançados à margem, que a favela de Obambo representa, querem retomar Nagast do domínio dos Cygens. A narrativa corrobora que explorar e transgredir fronteiras constitui um dos caminhos possíveis apontados pela encruzilhada, porquanto, é nas fronteiras entre os espaços apresentados graficamente no mapa, ao início do livro, que os principais acontecimentos da trama se dão. Sublinhamos, como na estrutural narrativa, a invenção de novos seres e saberes está no campo ético da pedagogia das encruzilhadas.

O questionamento da invenção tradicional do outro, com vistas ao seu domínio e sua marginalização, por meio de binarismos e dicotomias, como o eu e o outro, articula-se à ideia de futuro, tão própria ao afrofuturismo. Não à toa, são inúmeras as personagens do livro afrofuturista para demarcar diversidades. Se a questão racial e a herança da escravidão tentaram relegá-los à condição de “seres vacilantes” – “desvios existenciais” (RUFINO, 2019, p. 14), *O último ancestral* prova a superação dessa condição, pelo resgate da tradição africana, assim como das perspectivas colonialistas: “A raça é a invenção que precede a noção de humanidade no curso da empreitada ocidental, o estatuto de humanidade empregado ao longo do processo civilizatório colonial europeu no mundo é fundamentado na destruição dos seres não brancos”. (RUFINO, 2019, p. 09).

Essa compreensão se verifica, de modo potencializado, atingindo o paroxismo na ficção afrofuturista de Ale Santos, na existência dos Cygens. Contra esses vilões híbridos, de inspiração nazifascista temos uma grande variedade de personagens, a grande maioria constituída de pessoas muito jovens que estão produzindo uma nova visão, um novo saber sobre a negritude. A construção de outros saberes exige o reconhecimento de que a

racialidade não branca é diversa. São muitos os grupos étnicos atingidos pela diáspora negra. É preciso fazer um “reposicionamento histórico” (RUFINO, 2019, p. 12) dos agentes produtores de outros saberes, pois “a problemática do conhecimento é fundamentalmente racial”. (RUFINO, 2019, p. 12).

Mais que um encontro de obras afins, nossa intenção é, para utilizarmos termos de Luiz Rufino (2019, p. 12), estabelecer o “cruzo” e a “vadiação (invenção lúdica e sabedoria de fresta)” e, com isso, elucidarmos as formas como *O último ancestral*, enquanto representante do afrofuturismo, ocupa seu lugar nos campos político, estético e ético que Luiz Rufino destaca. Seguimos agora com uma contribuição ao movimento ambivalente de desatar os nós e atar os pontos que exibirão o descarrego colonial em que estamos envolvidos.

“Exu é caminho, é vida, é determinação”³

Orixá africano e entidade que abre os trabalhos religiosos, na maioria dos Terreiros, Exu constitui um “caráter primordial” (RUFINO, 2019, p. 24), sendo esse o sentido priorizado neste estudo. Uma entidade marcada pela ousadia e transgressão. Luiz Rufino (2019, p. 24-25) faz a leitura de Yangí, um Exu ancestral, como “[...] potência para um debate ontológico que transgride os limites da supremacia da razão branca e desloque a dimensão das existências e da realidade para outros horizontes, [...] força reconstrutora de cacos despedaçados que vem a formar novos seres”. O movimento da capoeira, nomeadamente a *ginga*, enquanto forma de preencher espaços vazios, se faz de desequilíbrio, quase queda, mas que, em voleios, resiste e surpreende, qualifica a atuação de Exu. Ser capoeira consiste em ter consciência de que suas sabedorias são sabedorias de fresta. A economia narrativa de *O último ancestral* demarca que não é possível apreender a *ginga*, É o que mostra Bento, a Inteligência Artificial Mandinga, um cybercapoeirista que se desdobra, ocupando diferentes espaços e tempos, como mostra a citação:

Elijah ficou agachado e viu a energia que se projetava para fora do receptáculo formar a figura de um homem encapuzado que rodopiava em posição de luta. Um a um, os guardas foram arremessados contra a parede por golpes poderosos de capoeira: queixadas que se iniciavam em gingas e terminavam com a perna acertando mortalmente os oponentes; marteladas seguiam-se, acertando de forma circular com a canela e encerrando com meias-luas que desciam com velocidade e potência. Quando todos estavam desmaiados, a figura que o protegera tirou o capuz. [...].

- Sou uma Inteligência Artificial mandinga, recuperada e enviada aqui por Hanna. Sou capaz de navegar por memórias no mundo dos espíritos e me conectar com as redes e dispositivos computacionais deste mundo. Me chame de Bento. Estou agora vinculado a você, meus dons se fortalecem com sua fé. (SANTOS, 2023, p. 76-77).

racialidade não branca é diversa. São muitos os grupos étnicos atingidos pela diáspora negra. É preciso fazer um “reposicionamento histórico” (RUFINO, 2019, p. 12) dos agentes produtores de outros saberes, pois “a problemática do conhecimento é fundamentalmente racial”. (RUFINO, 2019, p. 12).

Mais que um encontro de obras afins, nossa intenção é, para utilizarmos termos de Luiz Rufino (2019, p. 12), estabelecer o “cruzo” e a “vadiação (invenção lúdica e sabedoria de fresta)” e, com isso, elucidarmos as formas como *O último ancestral*, enquanto representante do afrofuturismo, ocupa seu lugar nos campos político, estético e ético que Luiz Rufino destaca. Seguimos agora com uma contribuição ao movimento ambivalente de desatar os nós e atar os pontos que exibirão o descarrego colonial em que estamos envolvidos.

“Exu é caminho, é vida, é determinação”³

Orixá africano e entidade que abre os trabalhos religiosos, na maioria dos Terreiros, Exu constitui um “caráter primordial” (RUFINO, 2019, p. 24), sendo esse o sentido priorizado neste estudo. Uma entidade marcada pela ousadia e transgressão. Luiz Rufino (2019, p. 24-25) faz a leitura de Yangí, um Exu ancestral, como “[...] potência para um debate ontológico que transgride os limites da supremacia da razão branca e desloque a dimensão das existências e da realidade para outros horizontes, [...] força reconstrutora de cacos despedaçados que vem a formar novos seres”. O movimento da capoeira, nomeadamente a *ginga*, enquanto forma de preencher espaços vazios, se faz de desequilíbrio, quase queda, mas que, em voleios, resiste e surpreende, qualifica a atuação de Exu. Ser capoeira consiste em ter consciência de que suas sabedorias são sabedorias de fresta. A economia narrativa de *O último ancestral* demarca que não é possível apreender a *ginga*, É o que mostra Bento, a Inteligência Artificial Mandinga, um cybercapoeirista que se desdobra, ocupando diferentes espaços e tempos, como mostra a citação:

Elijah ficou agachado e viu a energia que se projetava para fora do receptáculo formar a figura de um homem encapuzado que rodopiava em posição de luta. Um a um, os guardas foram arremessados contra a parede por golpes poderosos de capoeira: queixadas que se iniciavam em gingas e terminavam com a perna acertando mortalmente os oponentes; marteladas seguiam-se, acertando de forma circular com a canela e encerrando com meias-luas que desciam com velocidade e potência. Quando todos estavam desmaiados, a figura que o protegera tirou o capuz. [...].

- Sou uma Inteligência Artificial mandinga, recuperada e enviada aqui por Hanna. Sou capaz de navegar por memórias no mundo dos espíritos e me conectar com as redes e dispositivos computacionais deste mundo. Me chame de Bento. Estou agora vinculado a você, meus dons se fortalecem com sua fé. (SANTOS, 2023, p. 76-77).

³ Axioma recorrente nas religiões brasileiras de matriz africana, são também palavras cantadas pelo percusionista Márcio Barravento, falecido em 2022, no disco *Exu é caminho*.

Bento, assim como muitas manifestações dos Exus em terreiros, apresenta-se envolto em uma aura de mistério, reforçada, em alguns casos, pelo uso de capuz. Como toda entidade, possui uma espécie de onipresença que lhe é própria. Assim como Exu, o personagem Zero é marcado pela ambivalência, já que suas ações traiçoeiras transcendem o binarismo entre bem e mal, como podemos ver no diálogo que inicia o capítulo intitulado: “a linha tênue entre inimigos e aliados” (SANTOS, 2023, p. 54):

Zero encarou o capitão da força policial, cruzou os braços e ficou parado, impassível, até ele entrar em seu carro e sair das fronteiras de Obambo. Junto com eles, os drones tecnogriots seguiram para fora da favela. Dois irmãos abutres se aproximaram.

- Por que tu deixa eles te tratarem assim, Zero? Vamos furar esses caras, porra. (SANTOS, 2023, p. 54):

- Cês tão acelerando demais as coisas. É por isso que sou eu que mando aqui. Esses filhos da puta vão receber o troco contado em bala. Não viram o que roklou aqui? Olha o sangue nas calçadas, carai. Quem é que vai empilhar e enterrar aquela gente morta lá?

Sem pensar muito, tomado pelo ódio, desferiu um golpe na cara do capanga que estava mais perto, e o cara caiu no chão. O outro ficou apenas olhando assustado, emobra conhecesse os rompantes do chefe. Tentou apaziguar.

- Tá certo, Zero. Que merda, meu. Relaxa.

- eu vou relaxar , irmão, quando a gente não precisar mais sacrificar nossa Família para evitar mais chacina. (SANTOS, 2023, p. 54).

Corroborando a importância da ancestralidade no romance, outras associações com os orixás podem ser encontradas: Moss lembra Nanã, a mais velha orixá, cuja atuação prioriza a evocação dessa ancestralidade, em uma realidade em que sacerdotes e médiuns, que possibilitavam o diálogo entre os mundos, foram torturados e mortos.

A opressão e o silenciamento imposto à cultura dos povos africanos sequestrados e comercializados na expansão mercantilista tinha por foco impedir a mobilidade e a comunicação. A anulação das manifestações religiosas de origem africana fazia parte deste processo, uma vez que, segundo Luiz Rufino, na cosmovisão afro-brasileira:

[...] os conhecimentos vagueiam pelo mundo para baixar nos corpos e avivar os seres. Os conhecimentos são como orixás, forças cósmicas que montam nos suportes corporais, que são feitos de cavalos de santo; os saberes, uma vez incorporados, narram o mundo através da poesia, reinventando a vida enquanto possibilidade. (RUFINO, 2019, p. 09)

Corroborando a importância da ancestralidade no romance, outras associações com os orixás podem ser encontradas: Moss lembra Nanã, a mais velha orixá, cuja atuação prioriza a evocação dessa ancestralidade, em uma realidade em que sacerdotes e médiuns, que possibilitavam o diálogo entre os mundos, foram torturados e mortos.

A opressão e o silenciamento imposto à cultura dos povos africanos sequestrados e comercializados na expansão mercantilista tinha por foco impedir a mobilidade e a comunicação. A anulação das manifestações religiosas de origem africana fazia parte deste processo, uma vez que, segundo Luiz Rufino, na cosmovisão afro-brasileira:

No livro de Ale Santos, essa incorporação apresenta-se articulada à Inteligência Artificial. Acontece por meio de evocações, palavras e símbolos, os Orisis. São práticas próprias a tudo aquilo que, preconceituosamente, a intolerância religiosa e o senso comum resumem como macumba. No entanto, *(re)imacumbar* o mundo parece ser um dos objetivos do autor afrofuturista. Não o único, uma vez que aciona diferentes mitologias africanas em seu trabalho, as quais - não necessariamente - fazem parte do universo das religiões de matriz africana desenvolvidas no Brasil. A escrita assume, outrossim, que “[...] não há enfrentamento e transgressão ao colonialismo que não assuma posições contundentes e comprometidas com o combate ao cárcere racial [...] e às produções de injustiça cognitiva”. (RUFINO, 2019, p. 11). Como ilustra o posicionamento antirracista, em uma das lutas travadas por Eliah e Bento: “o Cygen foi precipitado ao solo e bateu o rosto numa pedra, abrindo um corte. Sem dar chance para o outro se levantar, Bento golpeou por todos os lados aquele ser arrogante. – Esse é o único diálogo possível com racistas” (SANTOS, 2023, p. 101). Seja por meio das tecnologias, seja pelo resgate, a espiritualidade ancestral se levanta como arma contra o racismo. A luta antirracista está na base de toda a escrita do jovem autor paulista. Na encruzilhada de saberes que acessa com competência, sua escrita ficcional revela um profundo conhecimento histórico, expresso em imagens e personagens que, se se localizam num futuro especulativo, resgatam, critica e ironicamente, a questão dos estragos históricos deixados pela ação da supremacia branca, como veremos no capítulo que segue.

Paroxismo ficcional da supremacia racial x identidade(s) periférica(s)

No início da narrativa descobrimos que, há mais de um século, viviam uma realidade na qual havia uma “simbiose entre organismos e circuitos [que] era vista como a única forma de se aproximar das divindades em vida” (SANTOS, 2023, p. 13). A harmonia fora interrompida com “a ascensão perigosa de um grupo, formado por seres híbridos de homens e máquinas, que desejavam instaurar uma nova ordem social – com eles mesmos, é claro, no controle.” (SANTOS, 2023, p.13). Ao longo do romance, a forma como os Cygens são descritos, especialmente pelo racismo institucionalizado que conduz suas práticas militares, permite estabelecer sua analogia com modelos nazifascistas. Neste cenário distópico, no qual a discriminação racial e o preconceito religioso atingiram seu paroxismo, o posicionamento de resistência das identidades periféricas qualifica *O último ancestral*. Há, inclusive, uma “Liga da Higiene Mental [...]

usada para caçar as pessoas que não desistiram de acreditar nos antepassados” ((SANTOS, 2023, p. 37). Esta Liga exerce uma forma de eugenia, cuja *limpeza* consiste em eliminar qualquer traço da tradição. Ganha força o modo como a obra emerge em sua dimensão política, enquanto “ato de responsabilidade e luta contra o racismo anti-negro e a transgressão de parâmetros coloniais” (RUFINO, 2019, p. 20), expresso pela consciência daqueles que se opõem ao sistema. Como descrevem as palavras da velha Moss, um oráculo que estabelece a mediação entre o passado e o futuro:

- Você não percebeu o que o medo faz com as pessoas, garoto. Os Cygens instalaram em nosso mundo o medo de nossa própria fé. Foi uma ideia que eles fermentaram por muito tempo e culminou com o massacre dos Últimos Santos, uma educação que propagou os valores do governo do Distrito. *Muitos morreram tentando falar com os ancestrais, outros começaram a acreditar nas histórias inventadas sobre os ancestrais serem os inimigos* (SANTOS, 2023, p. 38, grifo nosso).

No trecho destacada na citação, é notória a crítica que se faz à intolerância religiosa e ao preconceito vividos, atualmente. Num futuro especulativo, olhando em retrospecto, a realidade contemporânea se torna um passado lamentável.

A linguagem também é um dado relevante na narrativa, participando intensamente do movimento de resistência das identidades periféricas em relação ao sistema opressor. Enquanto o narrador onisciente intruso conta a história, servindo-se da norma culta da língua portuguesa, os diálogos são marcados por gírias e marcas de oralidade marginal: “-Foi um golpe ter que entregar Eliah, mano. O cara era firmeza, nunca deu vacilo com a gente”. (SANTOS, 2023, p.55). Entendemos que a valorização das variações linguísticas faz parte da virada, de que fala Rufino: “A virada linguística, elementar para a constituição da crítica ao colonialismo, pode ser também entendida como a *dobra da palavra* performatizada pelos múltiplos saberes praticados na banda de cá do Atlântico” (RUFINO, 2019, p 14, grifo nosso). Exemplo de variação diastrática, aquela associada à especificidade de grupos sociais, vemos o uso da linguagem das ruas se tornar ato de empoderamento. Um novo cruzo se estabelece com esses dois usos da língua, verificando-se o “cruzo” e a “dobra da linguagem” enquanto “ações de ampliação de outras formas de comunicação” (RUFINO, 2019, p. 13).

No segundo parágrafo do romance, na empolgada fala do personagem Zero ao protagonista Eliah, já se constata uma variação linguística própria a uma comunidade periférica: “- A rua é nóis, vagabundo. Aumenta saporra aê. Cê é foda mesmo, Eliah!” (SANTOS, 2023, p. 11). O mesmo acontece com o sentido da música para os jovens de Obambo: “A molecada de Obambo adorava qualquer tipo de som para estimular a adrenalina. [...], embora fossem apenas jovens do morro que deveriam estar curtindo as baladas, e não pegando em armas para sobreviver” (SANTOS, 2023, p. 325). Comprova-

se, assim, a relevância da obra em sua dimensão poética, enquanto “diálogo cruzado com inúmeras sabedorias e gramáticas que foram historicamente subalternizadas. [...] [e a] impossibilidade de separação entre ser, saber, e suas formas de produção de linguagem.” (RUFINO, 2019, p. 20). A linguagem é elemento estabelecedor de grupos e de identidades. Enquanto, de um lado, temos um poder fascista, instituído na Liga, de outro, temos cores, sonoridades e gestualidade periféricos, lutando por seu reconhecimento e valorização. Além da linguagem, a outra arma usada na sublevação do povo de Obambo é conhecimento das tecnologias de informação digital, associados ao saber ancestral, como veremos a seguir.

Espiritualidade ancestral e tecnologia: o grande “cruzo”

Moss ergueu os braços e bateu com os pés no chão, um de cada vez. Uma onda de choque rodeou os tecnogriots e desligou uma dezena deles, mas outros continuaram chegando, como uma torrente de besouros eletrônicos. A anciã segurou uma semente e a amassou com a mão enquanto dava passos cadenciados, que geravam ondas elétricas. Quando parou, bateu palmas, e uma nébula magnética se espalhou. (SANTOS, 2023, p. 117).

A única saída para vencer o ataque dos Cygens, comandados pelo bruxo Asanbosam, é trazer de volta a força dos ancestrais. Eliah, ao longo de sua trajetória heroica, descobre ser da dinastia do Leão, animal relacionado ao orixá Xangô, deus da justiça. Cabe destacar que: “ancestralidade, nesse sentido, emerge como contínuo, uma pujança vital e um efeito de encantamento contrário à escassez incutida pelo esquecimento” (RUFINO, 2019, p. 25). Pela tomada de consciência de sua condição, o protagonista restitui o papel da ancestralidade enquanto força e identidade.

Bento, a Inteligência Artificial Mandinga capoeirista, conecta os tempos. Suas aparições dependem de energia elétrica, dos receptáculos e da fé de quem a ele se liga. Sua atuação representa o ponto máximo da conexão entre saberes ancestrais e tecnologias de informação. Palavras e símbolos acionam essa energia, que o autor declara ser inspirado em São Benedito⁴, mas, em nossa leitura, encontramos reverberações do que Rufino irá reunir em uma “teoria exuziaca”, ou seja, neste caso, pautando-se na figura de Yangí:

A encruzilhada guarda o poder da transmutação, assim, faremos como Exu, que, de cada pedaço do seu corpo, se reconstruiu como um novo ser e se colocou a caminhar e a inventar a vida enquanto possibilidade. Essa é a face de Yangí, o caráter primordial de Exu. [...]. Se a modernidade ocidental, em sua face de motor desenvolvimentista do capitalismo do mundo, destituiu a existência de milhares de

⁴ Entrevista: Ale Santos fala de novo livro – Cortes Noir Podcast (oficial). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jw7X4M6o0mI>

seres ao longo de séculos de violência, o que restou desses seres deve ser agora encarnado pela potência ancestral, resiliente e transgressiva de Yangí, força reconstrutora dos cacos despedaçados que vêm a formar novos seres. (RUFINO, 2019, p. 24)

São várias as linhas de convergência da proposta eminentemente pedagógica de Rufino e a dimensão, também pedagógica, do afrofuturismo, expresso nas páginas do romance de Ale Santos. O redimensionamento das presenças, colocando em xeque a herança colonial, está presente na proposta afrofuturista, numa ficção científica que denuncia séculos de violência. Os cenários de destroços em que a narrativa ocorre reforçam essa necessidade de, a partir dos cacos, atuar no campo ético, um dos “campos de batalha e mandigas” de que fala Luiz Rufino, e que se refere a “uma das principais demandas a serem vencidas na colonialidade, a invenção de novos seres” (RUFINO, 2019, p. 20). Essa invenção exige que se lute contra o esquecimento, afinal, “Combater o esquecimento é uma das principais armas contra o desencantamento do mundo” (RUFINO, 2019, p. 16).

No entanto, com os olhos voltados para o futuro, repensa-se o presente, advertido da necessidade do passado. Alguns espaços da narrativa configuram lugares de resistência, como a Basílica de São Jorge, santo católico guerreiro, sincretizado com o orixá Ogum: “Bakhna levou Eliah para o salão dos rituais. Havia máscaras ritualísticas em redomas, tambores, lanças, terços e turbantes. Eram lembranças dos guerreiros que tinham sido perseguidos e mortos em combate contra Cygens” (SANTOS, 2023, p. 291). Luiz Rufino lembra que “a mata é o lugar de encantamento” (RUFINO, 2019, p. 10). É na mata, chamada de floresta, que a trama de *O último ancestral* se desenrola, com seu confronto final. Tamirat também configura um espaço de resistência. É uma espécie de nave, em forma de pirâmide, onde Moss, a velha o oráculo, fora exilada. Constitui uma metáfora para a própria ancestralidade, que resiste, orbitando as existências contemporâneas. A nave-pirâmide remete alegoricamente à cultura ancestral, que fica em suspenso, mas não é exterminada. Pelo menos até a efetivação do confronto contra o grande vilão Asanbosam, quando o jovem herói, Eliah, aciona novamente a ancestralidade por meio dos portais e receptáculos que permitem a vinda de entidades poderosas do passado para auxiliá-lo na luta:

Enquanto ele falava, espíritos emergiam das árvores. Eram os malungos, munidos de lanças, espadas e escudos, que vinham como um exército furioso para cima dos Cygens. Os mortos sempre cobram seu preço, e aqueles espíritos estavam sedentos para se vingar dos Cybergenizados. (SANTOS, 2023, p. 332).

Em um contexto distópico, no qual a própria tecnologia de informação gera imensos refugos de equipamentos, muitas vezes reaproveitados pelos moradores da favela de Obambo, os estados de transe mediúnico são constantes, quase sempre associados a computadores reaproveitados e símbolos ancestrais que flutuavam ao redor dos heróis da narrativa. Bento, a Inteligência Artificial, diz a Eliah, após este voltar do transe:

-No passado, conheci pessoas que invocavam Orisi, médiuns e sacerdotisas que dedicavam a vida aos estudos das linguagens ancestrais a vida ao estudo das linguagens ancestrais. Eles formavam uma casta ritualística que transmitia conhecimentos e poder de geração a geração. Com a modernidade, a maior parte das pessoas abandonou esse poder para se apropriar das tecnologias digitais. Quando o Massacre dos Últimos Santos aconteceu, já eram poucos os invocadores, pois esse tipo de conexão estava praticamente extinto. (SANTOS, 2023, p. 79).

Nesta constatação dos sentidos da modernidade, impregnada de nostalgia por parte do personagem, pode-se ver também a ambivalência que marca as relações entre a tradição e a contemporaneidade, projetada em um futuro especulativo. Ainda que sua presença seja possível graças aos recursos digitais, Bento lamenta que os avanços tecnológicos tenham causado a extinção de formas de transcendência, próprias das ritualísticas ancestrais. Lidar com ambivalências é um desafio que se mostra constitutivo da estética afrofuturista.

Racismo e desigualdade social: haverá outro futuro?

O fato de a desigualdade social, associada ao racismo, não só continuar, mas se intensificar no futuro, representa um dos pontos-chave da distopia de Ale Santos, assim como um dos mais impactantes da narrativa. Neste sentido, a obra pode ser vista como pertencente a uma linhagem temática da literatura que se debruça sobre a condição de jovens marginalizados socialmente e que, exatamente por isso, têm seu futuro comprometido ou interrompido. A revolta desses personagens, numa visada afrofuturista, reatualiza ecos de um passado distante, dentro do universo narrativo, mas constante no hodierno, e configura uma das principais consequências do discurso colonialista: uma ambiguidade entre companheirismo e violência. “Capitães do mato versus capitães da areia”, como diz Emicida, na canção Samba do *fim do mundo*. Na reflexão do personagem Eliah, citada a seguir, reverberam a revolta ressentida e as características discursivas dos meninos órfãos do trapiche de Jorge Amado,⁵ para quem a vida só parecia possível por meio de seus crimes|:

⁵Capitães da Areia, lançado em 1937.

- Cê é Família, malandro. – Zero deu um puxão no amigo e o abraçou. Eliah sabia exatamente o que aquilo significava no crime: a única forma de sair do esquema era sem vida. Mas ele não se importava com isso. Para quem não estava no crime, naquele fim de mundo não existiam perspectivas melhores do que a fome e a morte (SANTOS, 2023, p. 17).

A declaração inicial de Zero, seguida do vocativo “malandro”, reforça a noção de pertencimento a um grupo. Outro aspecto que remonta às narrativas de meninos marginalizados de nossa literatura, sendo uma característica básica, um ímpeto de proteção mútua, ainda que seja permeado por código morais frágeis, que fazem com que Zero entregue Eliah para os Cygens e seja, ao fim da trama, o assassino de Moss, a velha oráculo.

Num romance em que os territórios identitários são tão fundamentais, as relações cotidianas e os espaços ocupados perpetuam relações de opressão e distinção social. Em *O último ancestral*, a Basílica de São Jorge e o 1º Círculo do Distrito são exemplos de espaços interditos para os habitantes negros e mestiços de Obambo:

Cada máquina e cada soldado de Nagast serviam à ditadura imposta pelos Cygens. Dentro do Distrito, as coisas funcionavam numa rígida hierarquia social. A maioria dos moradores tinha acesso permitido apenas às regiões industriais, nas margens do Distrito, com seus prédios públicos e escola militares. [...] Eram permitidas para as elites, os magnatas dos criptocréditos e suas famílias formadas por gente branca, o único tipo de humano cujo contato os Cybergenizados suportavam. Eles repudiavam o povo mestiço e negro que vivia em Obambo (SANTOS, 2023, p. 23).

Processos de exploração colonial geram a hierarquia social acima citada cuja herança ainda se faz presente. Novamente vemos heterogêneos tempos interligados pela violência, cerne da ação do colonizador sobre o colonizado. Destarte, repúdio e humilhação é o que resta a esse “povo mestiço e negro”, que sofre, mesmo depois de um longo período proposto pela ficção, aquilo que Luiz Rufino chama de “marafunda”:

A humilhação é uma das marafundas que atam a experiência vivida pelo colonizado. O corpo mesmo, enlaçado a esse sopro de desencanto, é um corpo golpeado, traumatizado, um registro histórico das operações dessa lógica de dominação que não se compreende sem a possibilidade de torturar, de violar e de matar. [...] A humilhação é como uma amarração de violências lançadas ao colonizado. Essa marafunda parida do caráter elementar do colonialismo (violência) transforma os seres em algo desfigurado, dejetado, refugio e resíduo que servirá de uso para a manutenção do poder. (RUFINO, 2019, p. 151).

Em consonância com a necessidade de se evitar o esquecimento, algumas situações narradas no romance remetem ao tráfico de africanos, para serem comercializados como escravizados, fazendo a grande travessia pela calunga grande⁶, como quando o protagonista é preso pela polícia de Nagast:

⁶ Nas religiões de matriz africana, Calunga Pequena é o nome dado ao cemitério, enquanto Calunga Grande se refere ao oceano, túmulo de muitos africanos, mortos durante a grande travessia.

Curiosamente, a sensação não parecia nova para Eliah. Ele sentia que já havia passado por aquilo. Pensou nas antigas histórias sobre escravização, nos navios abarrotados de negros estrangulados pelas doenças e pela falta de comida durante meses. [...] Colocaram-no em uma fila com outras pessoas, homens e mulheres pretos que seguiram pelas laterais do prédio [...]. Todos eram empurrados e socados aos gritos de “degenerados”. [...] desceram como se fossem carga, sendo recebidos com mais pancadas e ofensas. (SANTOS, 2023, p. 43-44).

Cabe retomar as reflexões de Mark Dery (1994), quando compara a violenta e forçada diáspora das populações africanas com abdução alienígena. Nesse cotejamento, temas como captura, roubo, violência e mutilação, tão presentes nas narrativas de ficção científica *alien*, surgem análogos ao tráfico escravocrata, por conseguinte, à violência infligida às populações africanas e negras.

*This is especially perplexing in light of the fact that African Americans, in a very real sense, are the descendants of alien abductees; they inhabit a sci-fi nightmare in which unseen but no less impassable force fields of intolerance frustrate their movements; official histories undo what has been done; and technology is too often brought to bear on black bodies (branding, forced sterilization, the Tuskegee experiment, and tasers come readily to mind). Moreover, the sublegitimate status of science fiction as a pulp genre in Western literature mirrors the subaltern position to which blacks have been relegated throughout American history (DERY, 1994, p. 180).*⁷

O olhar para o passado clama pelo não esquecimento da História, e a herança da exploração colonial se manifesta na violência sobre o corpo negro, mais precisamente sobre o corpo da mulher negra, ganhando nuances estarrecedoras. Por exemplo, quando o abadom Inpu, entidade corrompida por forças malignas, apropria-se do corpo de Beca, fazendo-o seu próprio corpo. A violência atinge mais um paroxismo no uso desse corpo, mesmo depois de morto:

De perto, Eliah percebeu que Inpu tinha o corpo de uma mulher negra. Estava bastante ferido, o pescoço parecia costurado no capacete, que era totalmente digital, circundado por hieróglifos eletrônicos em um formato que o fazia lembrar um lobo com uma máscara egípcia. O toque de Inpu lhe pareceu familiar. Ele tinha uma ideia de quem seria aquele corpo, mas se esforçou para afastar aquela sensação.

“Ela morreu há alguns dias, no prédio da Liga.”

- Te conheço?

- Nossas almas nunca se cruzaram, mas você deve ter boas memórias desta minha hospedeira. – O capacete logo se abriu, exibindo o rosto de Beca (SANTOS, 2023, p. 130-131).

O alcance simbólico deste episódio em relação à forma ambivalente e cruel de como o processo colonial reverbera contemporaneamente é imenso. Em “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, póscolonialismo e interidentidade”, Boaventura de Sousa Santos

⁷ “Isso é especialmente desconcertante à luz do fato de que os afro-americanos, em um sentido muito real, eles são descendentes dos abduzidos pelos alienígenas; habitam um pesadelo de ficção científica, em que ~~campos de força~~ invisíveis, mas não menos intransponíveis de intolerância frustram seus movimentos; histórias oficiais desfazem o que foi feito; e a tecnologia é muitas vezes aplicada aos corpos negros (marca, esterilização forçada, o experimento de Tuskegee e tasers vêm prontamente à mente). Além disso, o status sublegítimo da ficção científica como gênero *pulp* na literatura ocidental espelha a posição subalterna à qual os negros foram relegados ao longo da história americana” (Tradução nossa).

(2003, p. 27-28) argumenta acerca da colonização portuguesa, mas com ideia válida para o colonialismo em si, enquanto “penetração sexual convertida em penetração territorial e penetração interracial.” A apropriação do corpo morto de uma mulher negra, traz a ambivalência desse processo de usurpação da condição humana. Trata-se de um estupro de outra ordem. No romance, apresenta-se o corpo morto sendo usurpado em sua dignidade, ratificando a negação da identidade que este possui, pois:

Em qualquer dos seus modos de reprodução a identidade dominante é ambivalente, pois mesmo a negação total do outro só é possível mediante a produção ativa da inexistência do outro. Essa produção implica sempre o desejo do outro na forma de uma ausência abissal (SANTOS, 2003, p. 30).

A narrativa de *O último ancestral* percorre inúmeros confrontos entre os Cygens e os moradores pretos e mestiços da periferia. Mesmo com todos os esforços de Asanbosam para destruir Obambo e consolidar a supremacia racial e tecnológica, Eliah consegue, com a ajuda dos guerreiros ancestrais invocados, os malungos⁸, vencer o mal e reconquistar seu espaço, restituindo-o à ancestralidade:

Enquanto ele falava, espíritos emergiam das árvores. Eram os malungos, munidos de lanças, espadas e escudos, que vinham como um exército furioso para cima dos Cygens. Os mortos sempre cobram seu preço, e aqueles espíritos estavam sedentos para se vingar dos Cybergenizados. [...] A chave da dinastia se acendeu na mão de Eliah, e todos que estavam ao redor puderam ver sua aura mudar. Ele respirava como um leão, andando imponente em direção ao bruxo. [...] A criatura caiu decrépita, reduzida a uma pequena entidade sem nenhum vigor. [...] Era a vitória de Obambo, mas também algo mais profundo. Era um recomeço, e também um fim. (SANTOS, 2023, p. 332-333).

Após o confronto final, um desfile de carnaval marca a comemoração da conquista do Distrito. No horizonte do afrofuturismo, o final exitoso da negritude é uma prerrogativa, uma vez que a distância da opressão e da subalternidade. Sublinhamos a importância de que *O último ancestral* se feche com a abertura de narrativas vitoriosas, as quais rompem com o imaginário de subserviência historicamente construído.

As dimensões do racismo e da desigualdade social são enfrentadas no campo ético por meio dessa “invenção de novos seres [em que] a perspectiva das encruzilhadas emerge como potência educativa, uma vez que abre caminho para outras invenções, que transgridem o desvio social e o dismantelo cognitivo incutido pela ordem colonial” (RUFINO, 2019, p. 20). O romance, ao se concluir com: “- Tu é o Último Ancestral, mas não tá sozinho” (SANTOS, 2023, p. 343), afirma a dimensão coletiva dessa luta.

⁸A estética afrofuturista acessa, continuamente, elementos da cultura ancestral em suas produções. Na Enciclopédia brasileira da diáspora africana, de Nei Lopes (2004, p. 412), encontramos um verbete, do qual citamos: “MALUNGO: Companheiro, camarada; nome com que os escravos africanos tratavam seus companheiros de infortúnio no navio negreiro; irmão de criação. A etimologia tradicionalmente aceita prende-se a vocabulários bantos correspondentes ao português ‘barco’: o quicongo *lungu*, o quimbundo *ulungu* etc.

Dessa forma, explorar fronteiras espaciais, mas principalmente temporais, constitui um dos caminhos possíveis, apontados pela encruzilhada e é transgredindo-as, que os principais acontecimentos da trama se dão:

Em qualquer dos seus modos de reprodução a identidade dominante é ambivalente, pois mesmo a negação total do outro só é possível mediante a produção ativa da inexistência do outro. Essa produção implica sempre o desejo do outro na forma de uma ausência abissal (SANTOS, 2003, p. 30).

Essa é a forma com a qual o romance se desenvolve. Num movimento caleidoscópico, que põe em movimento as três dimensões temporais supracitadas, vemos suas múltiplas interações sob o olhar questionador e propositivo do afrofuturismo. Um olhar que, ao alargar as fronteiras do entendimento e da ação restituidora do presente, propõe novas perspectivas de futuro(s), reencantado(s) de modo liberto, em relação à marafunda da herança colonial.

Considerações finais

Percorrido este caminho de análise, o que nos chama a atenção é que a “noção de restituição é ponto central na possibilidade de inscrição de uma nova história” (RUFINO, 2019, p. 17). E essa noção atravessa a obra de Ale Santos. Os personagens lançados à margem – margem essa representada espacialmente por Obambo - querem retomar Nagast do domínio dos Cygens.

Dessa forma, *O último ancestral*, sob a luz da teoria pedagógica de Luiz Rufino (2019), alcança a condição de um “ebó⁹ cívico”, uma vez que, ao atuar nos campos político, estético e ético, é capaz de “invocar, encarnar e multiplicar ações de responsabilidade com o mundo.” (RUFINO, 2019, p. 21), nos horizontes do afrofuturismo. Ao situarmos o livro entre obras da literatura brasileira, protagonizadas por uma juventude marginalizada, na qual podemos incluir *Capitães da areia*, (1937) de Jorge Amado, *Infância dos mortos*, (1979) de José Louzeiro, ou *Cidade de Deus*, (1997), de Paulo Lins, uma grande diferença salta aos olhos, e se refere à forma como a narrativa termina. Se, nas obras publicadas ao longo do século XX, a morte dos jovens nas mãos da polícia é um dado recorrente, os protagonistas do romance de Ale Santos terminam vitoriosos, com o futuro aberto a novas lutas e conquistas.

⁹“Ebó: Oferenda ritual, especialmente a Exu ou aos eguns. Do iorubá *ebo*, ‘sacrifício’” (LOPES, 2004, p. 248).

O cotejamento entre as obras, ora proposto, revela-se pertinente quando mostra sua potencialidade de iluminação recíproca e aponta novos caminhos para os estudos do afrofuturismo. Ambos os autores se encontram numa encruzilhada promissora da luta antissegregacionista, em sua conformação especificamente bras

Referências

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.

ANDREWS, Kehinde. *A nova era do império: como o racismo e o colonialismo ainda dominam o mundo*. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

DERY, Mark. Black to the future: interwies with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. In: _____. *Flame Wars: the discourse of cyberculture*. Durham, London: Duke University Press, 1994. p. 179-222.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. *Colonialismo Digital: por uma Crítica Hacker-fanoniana*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.

FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo – as distopias do presente. *Imagofagia: Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual*, n.º 17, 2018, p. 402-424.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Ale. *O último ancestral*. Rio de janeiro: HarperCollins Brasil, 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade*. In: Rev. Novos Estudos CEBRAP, n. 66, jul. 2003, p. 25-52.

SOUZA, Esdras Oliveira de; ASSIS, Kleyson Rosário. O afrofuturismo como dispositivo na construção de uma proposta educativa antirracista. In: *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, Serra Talhada, 6: 64-74, Jan/Dez. 2019.